



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 23

## Duas selvas

**Branca Vianna:** Tá começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Selvas, florestas, bosques... são lugares muito férteis pra nossa imaginação. Lugares onde a gente se acha. Se perde. Se transforma. São lugares imprevisíveis. Quando a noite cai, tudo se muda – e nada é garantido.

Essa semana, a gente tem duas histórias que se passam no escuro da selva. Uma é a selva que você provavelmente tá pensando – a floresta amazônica. E a outra é uma selva de pedra, igualmente icônica: a Avenida Paulista. Mas essa é mais uma coincidência do que qualquer outra coisa. O que liga as histórias dessa semana é uma noção de culpa e de responsabilidade.

Quando você pensa em "culpa" e "floresta amazônica", talvez isso te faça ficar com vontade de desligar agora antes que a gente comece a falar sobre por que o seu hambúrguer tá desmatando o patrimônio da humanidade... Mas eu juro que não é isso. A floresta é aquela. Mas a culpa é outra.

Eu tô dando muita volta aqui pra não dar spoiler, então é melhor eu passar logo a bola pra quem trouxe essa história pra gente: a Camila Moraes.

---

**Camila Moraes:** Não sei se você já sobrevoou a floresta amazônica. Ou se você já sobrevoou a floresta amazônica num nível que dava pra ver de fato a floresta amazônica, e não um monte de nuvens sob as quais, teoricamente, tinha a floresta amazônica.

Mas mesmo que você não tenha tido essa chance de ver ela pessoalmente, você deve ter visto filmagens. Daquele mar verde sem fim.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** O ano passado eu tive a sorte de voar de avioneta. Eu vi assim esse manto sagrado verde. É uma sensação muito estranha, porque é difícil você deixar essa experiência de lado. Eu acho que também é um presente da vida, porque chegar lá e olhar toda esse imenso mar verde depois de você estar lá dentro e chorar para sair.

**Camila Moraes:** Esse é o Mauricio. Um amigo querido que eu conheci em Bogotá uns anos atrás.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Meu nome é Mauricio Alejandro Diaz Uribe. Sou da Colômbia, mas estive cinco anos no Brasil, fazendo um doutorado em História. Sou antropólogo e o meu portunhol está um pouco ruim.

**Camila Moraes:** Hoje em dia o Mauricio trabalha com comunidades indígenas na Colômbia mesmo.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Você me fala se eu falo as palavras em portunhol, porque não sei se dá para entender, né? E muito obrigado pelo convite.

**Camila Moraes:** Obrigada a você que topou contar essa história.

**Camila Moraes:** A história é que, em 2011, o Maurício se perdeu no labirinto da selva amazônica. Sozinho.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** O que aconteceu foi que eu sumi. Na selva, na floresta, na fronteira de Colômbia e Brasil. Fiquei na mata por treze dias. Sem nada, né? Não tinha roupa, não tinha comida.

**Camila Moraes:** Foram treze dias de fome, frio e medo de animais perigosos.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Você entender que tem que aceitar que está nesta situação, né? Aceitar que tem mosquitos, aceitar que tem chuva, aceitar que não tem comida, aceitar que você é humano e aceitar sua debilidade, mas também sua força para continuar e procurar viver.

**Camila Moraes:** Isso aconteceu quase doze anos atrás. Em outubro de 2011. Tudo começou com um convite. Alguns colegas do Mauricio, também antropólogos, tavam com uma viagem marcada pra cidade de Leticia – a capital da Amazônia colombiana. E chamaram ele pra ir junto.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Fui convidado pelo meu amigo e outra amiga que estava fazendo um documentário sobre o significado do jaguar, do tigre...

**Camila Moraes:** Aqui cabe uma explicação. Ou duas.

Letícia fica no extremo sul da Colômbia, numa região que, além de selva, é de tríplice fronteira. Faz divisa com as cidades de Santa Rosa de Javari, no Peru, e Tabatinga, no Brasil.

E o “jaguar” – que o Mauricio aqui também chama de “tigre” – é a onça pintada.

Então você vai perceber que ele fala do bicho quase sempre no masculino – “o jaguar”, “o tigre”, em vez “da onça”.

A onça é considerada um animal sagrado pros povos indígenas amazônicos. Uma criatura mágica que simboliza força, habilidade e velocidade.

E a amiga do Mauricio queria captar algumas imagens da onça lá naquela região.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Ela estava fazendo esse documentário e me convidou para acompanhar eles. Essa travessia era para um lugar perto das comunidades dentro da selva que se chama “Safire”. O lugar onde passam os jaguares, as onças, passam por aí.

**Camila Moraes:** Pra chegar no “Safire”, eles tiveram que seguir por uma trilha na floresta por quase oito horas. O plano era ficar lá por duas semanas, gravando e entendendo a relação das pessoas com as onças.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Falando assim do significado do tigre. Como os indígenas, eles caçavam ele no passado.

**Camila Moraes:** E aí a gente chega numa questão um pouco delicada. Porque não é fácil ver uma onça. A gente tem medo dela, mas ela também tem medo da gente – ainda mais se a gente tiver em grupo. Então, pra atrair uma onça pra perto – pra perto o suficiente pra poder filmar o bicho – os antropólogos colocam comida como “isca” pra onça. Não qualquer comida. Não a comida deles – biscoitos, miojo – mas comida de onça. E a onça é um bicho carnívoro.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** A ideia era fazer todo esse jeito de caçar o animal.

**Camila Moraes:** Quer dizer: o grupo de antropólogos/ documentaristas saiu à caça. À caça de algum bicho que atraísse o apetite da onça.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Então a gente pegou um... matou “monos”, macacos, né, que ele gosta muito.

**Camila Moraes:** Você falou que era comum, para atrair a onça, matar macaco porque... para colocar de isca, né?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Sim. Sim. A ideia era fazer encontrar o macaco específico, que eles chamam de “churunco”. É o macaco que o tigre gosta muito, né. Só que depois os caçadores mataram outros que não era precisamente esse macaco, que era um macaco “aullador”, de outra espécie.

Então a gente fica um pouco machucado. Eu fiquei muito machucado, e a companheira também.

**Camila Moraes:** Aqui o Mauricio tá dizendo “machucado” não no sentido de “ferido”, no corpo a corpo com o animal. Não. É “machucado” emocionalmente. Magoado pela situação toda, por causa daquela morte desnecessária. E isso mexeu tanto com o Mauricio que ele não quis mais ficar lá.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu tomei a decisão de deixar eles.

**Camila Moraes:** Depois de sete dias de viagem, ele decidiu ir embora. Sozinho.

Se essa história fosse um filme de terror, essa é aquela hora que um personagem fala que só vai ali “dar uma olhada naquela casa abandonada”.

Quando cê sente que a coisa tem toda a pinta de que vai dar errado.

Olhando de fora, né?

Porque o Mauricio não sentiu isso. Não naquele momento.

Ele só ia pegar a trilha de volta até Leticia. Simples assim.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Camila, eu saí muito cedo, tipo sair oito da manhã e como que em oito horas.

**Camila Moraes:** Lembrando que eles tinham ficado sete dias ali gravando, mas a trilha em si tinha levado “só” umas oito horas.

Mas ok, matemática básica... se o Mauricio saiu 8 da manhã,  $8 + 8$  é 16... ele não ia chegar antes das 4 da tarde.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Mas a mata, a mata é muito difícil. E eu cheguei a um lugar que tipo, a gente chama lá “madeireiros”, gente que vai pra madeira, algo que deixa um espaço muito grande de “árvores” cortados. Não sei como.

**Camila Moraes:** Os troncos das árvores.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Os troncos, sim, muito espaço. E aí o caminho é um pouco difícil, porque é muitos caminhos, né? Pra sair você tem que saber muito bem qual o caminho que vai parar nas comunidades. Eu acho que aí foi que eu tive esse erro.

**Camila Moraes:** Na mata mais fechada, não era tão difícil seguir a trilha. Mas, nessa área mais desmatada, tudo ficou confuso. E o Mauricio já não sabia muito bem pra onde ele tinha que ir. Ele tava começando a desconfiar de que tinha se metido numa enrascada... mas ainda não era hora de se desesperar.

**Camila Moraes:** O que você tinha com você?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Minha mala, que levei pouca roupa, porque a gente levava mais a comida, né, era para lá. E bom, eu deixei muitas reservas pra eles. Então simplesmente levei umas “galletas”. Como se fala “galletas”?

**Camila Moraes:** Bolachas. Ou biscoitos.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Isso, bolachas e água e minha roupa, que não era muito assim. Bom, as botas. Minha câmera. E a “hamaca”. Como se diz?

**Camila Moraes:** Rede. Rede de dormir.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Isso. Rede de dormir. Bom, isso. Levava também como um manto, muito bom, me protegeu muito.

**Camila Moraes:** Quando a luz caiu – o que acontece cedo na selva –, o Mauricio percebeu que era melhor parar onde ele tava pra descansar, e seguir viagem só no dia seguinte de manhã.

E, nessa área com um monte de troncos cortados, ele viu o que ele chama de “cambuche”, que é tipo uma barraca improvisada.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Isso, como uma barraca de um caçador, ou talvez dos caras que trabalham na madeira, né?

**Camila Moraes:** A barraca tava desocupada, e o Mauricio decidiu passar a noite lá.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu acordei cedo, tentei ir procurar o caminho de volta, e aí foi que não encontrei o caminho, “empezó” a chuva.

**Camila Moraes:** Começou a chover, e muito. E a tarefa de encontrar a trilha ia ficando cada vez mais difícil.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Aí eu comecei a desesperar um pouco mais, quase duas, três horas dando voltas. Tipo assim, eu sabia o caminho, mas depois o caminho me voltava outra vez ao “cambuche”.

**Camila Moraes:** O Mauricio achava que ele tinha encontrado a trilha, mas ele tava andando em círculos... e acabava indo parar de novo e de novo no “cambuche”. A barraca do madeireiro ficava assombrando ele. Parecia uma pegadinha de mau gosto.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Comecei a procurar o rio. Água. Mas aí foi que fui mais, mas de um momento ou outro eu já estava na metade da mata e não sabia onde estava, estava perdido. Na selva. Não encontrava o caminho, não encontrava a água, tal.

**Camila Moraes:** O que era pra ser só algumas horas de caminhada tinha virado um dia. E depois dois. E então três.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** E a verdade é, nos primeiros três dias eu pensei que estava muito perto. Eu pensei que era uma coisa... Que vai sair rápido, como que a gente não toma a seriedade do assunto.

**Camila Moraes:** Mas o assunto era sério. Depois de três dias tentando achar o caminho, o Mauricio aceitou que ele tava realmente perdido.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Aí começa como que o desespero. Sobre tudo o me ver nessa situação de “poner” em problemas para minha amiga. Para gente aí é que confiou em mim e tal.

**Camila Moraes:** Além do desespero de não saber onde ele tava, o Mauricio não parava de pensar no grupo que ele tinha deixado pra trás. Nos amigos que tinham convidado ele pra viagem. Ele tava com medo de colocar eles numa situação ruim por ele ter se perdido.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** O que a gente menos quer na vida, ao menos eu, é “poner” problema às demais pessoas por decisões que você toma, né? Então eu me senti um pouco mal por isso. Como “e agora o que vai acontecer?”. Também um crê que pode com tudo. Pois então, a cabeça fica muito doída.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** *“Me perdí, llegué a un madero de Brasil y creo que perdí el camino...”*

**Camila Moraes:** Essa voz, agora em espanhol mesmo, também é do Mauricio. É de uma gravação que ele fez no meio da selva.

Chegou um ponto nessa jornada sem rumo que ele começou a se filmar. A fazer uma espécie de diário em vídeo. Quer dizer: é um vídeo, mas tudo que aparece na tela é um borrão escuro com um pouco de verde no fundo.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** *Anoche pasé la noche en cambuche que han hecho. Encontré fogata. Hoy es domingo, creo que domingo 14, creo que son las 12 y media. Acabo de llegar a un cambuche. Creo que ese es el Río Tacana, pero no estoy muy seguro.*

**Camila Moraes:** O Mauricio resolveu fazer esse diário, mas a bateria da câmera não durou tanto. E, pra piorar, a umidade danificou parte do HD de memória...

Mas alguns registros sobreviveram.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** *“Voy por mi segundo día de naufragio, perdido en el Amazonas.”*

**Camila Moraes:** Não sei se você reparou, mas o Mauricio descreve a situação em que ele tava como um naufrágio. Como se ele tivesse numa ilha deserta, ou num barco à deriva – em vez de na maior floresta tropical do mundo.

Pensando bem, até que faz sentido.

De certa forma, ficar perdido na floresta não é tão diferente de ficar perdido no mar.

No começo, o Mauricio usava a câmera pra manter o rastro do tempo, pra não se perder ainda mais.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Foi muito importante, porque eu comecei a “mirar” um pouco a hora, a data, a data e horário. Era como uma forma de conexão com a realidade. Não sei como. Com o tempo e com o espaço.

**Camila Moraes:** E o tempo passava. E, na maior parte dele, o sentimento que mais ocupava a cabeça do Mauricio era a culpa. O “diário de naufrago” dele deixa isso bem evidente.

***Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Si por favor alguien ve esto que... espero que no ocurra así, pero que me perdone mi madre, mi hermano, mi familia, por andar por acá. Que me perdone Cata y don Sergio, Don Rodolfo, por andar medio solo. Espero que llegue a encontrar el camino. No he comido nada, no tengo nada que comer. Sólo he bebido agua. Ah... Muchas gracias”.*

**Camila Moraes:** Junto com a culpa, encontrar o caminho ainda era a maior preocupação. Mas foram aparecendo problemas mais urgentes pro Mauricio resolver. A fome, por exemplo. As bolachas que ele tinha na mochila tinham acabado fazia tempo.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu tentei fazer pesca. Eu tentei comer insetos, mas não deu. E também por aí tentei caçar uns pássaros, umas aves. Mas depois eu comi um “hongo”.

**Camila Moraes:** Um cogumelo.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Sim, como um fungo branco. Que eu encontrava muito, né. Mas era mais como para sentir o bolo alimentício.

**Camila Moraes:** O Mauricio conhecia aqueles cogumelos, e sabia que eles não eram venenosos... e que, se por um lado eles não davam conta de matar a fome, pelo menos aliviavam a sensação de barriga vazia.

Outro incômodo era que o Maurício passava a maior parte do tempo molhado. Por sorte, ele tinha um bom par de botas que facilitavam a dura tarefa de andar na lama – ou no "fango", em espanhol.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Foi mais que não podia sair do "fango". Era como que a mesma selva era um ente vivo que te está comendo. Eu tentava caminhar para cima. É como o que acontece com todas as matas e as florestas, elas sempre procuram como essa luz para sair da vida, para fazer sua síntese...

**Camila Moraes:** Ele se viu no lugar de um arbustinho tentando lutar por um feixe de luz do sol. Lutando pra não ficar no escuro das grandes árvores, pra não apodrecer ali embaixo.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** E eu estava fazendo isso, né? Tentando sair desse fango que está morrendo por água, por putrefação. Porque a selva é vida, mas também pura morte.

**Camila Moraes:** Morte. "Morte em vida", como o Maurício descreveu aqueles dias pra mim. Ele chegou a gravar na câmera mais uma mensagem que resistiu ao tempo. Essa, a gente não sabe de quando é. Nem ele sabia, naquela altura.

*Mauricio Alejandro Diaz Uribe: Lo voy a hablar muy rápido, porque se acaban las pilas. Nuevamente... Discúlpenme por esto. Voy a intentar sobrevivir los más días que pueda. Y voy a pedirle a Dios que alguien me rescate.*

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu fui o cara mais religioso que pode haver na vida, na selva. Eu pedi a "tudo", a Krishna, Cristo, tudo... A todo cara que tem por aí.

**Camila Moraes:** Ele apelou pra todo tipo de ajuda divina, mas não teve resposta. Não de imediato.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** É uma sensação que eu acho que é muito difícil de você viver essa sensação. Na verdade, é soledade total, porque você somente tem plantas e insetos e animais... Porque eu escutava pássaros, mas era muito longe. A religião e os deuses é uma forma de você soltar o controle, porque você não tem controle da sua vida.

**Camila Moraes:** Chegou um dia que o Maurício não sabia mais o que fazer. Ele já tinha tentado de tudo. E, mesmo assim, parecia que ele não saía do lugar. Do escuro. Da lama.

Nesse dia, a raiva tomou conta. Ele saiu correndo e gritando morro acima. E, no meio da corrida furiosa, ele sentiu uma picada forte na mão.

E caiu no chão.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Então aí eu lembro que quase desmaiei, acho que eu desmaiei. Então eu fiquei um pouco assim, sem consciência. Eu lembro que fechei os olhos. Como quase dormindo, né? E eu pensei um momento que eu ficar aí, aí na mata. E aí foi que eu lembro que acordei e me revisei por todo lado. Mal não tinha nada. Mas aí minha experiência mudou. Eu senti como que a gente falou: “Cara, aceite que você está aí”.

**Camila Moraes:** Parece que a tal picada foi, na verdade, um chacoalhão da própria consciência dele. Que não deixou nenhuma cicatriz, mas mudou o rumo das coisas.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** A gente tem que tentar sobreviver. E aí, depois desse momento, acho que foi como o quarto, quinto dia. Eu aí compreendi que estava na selva e que tinha que fazer o melhor possível para sair de aí. Que se eu ia continuar assim, lutando, gritando, chorando... Não ia fazer nada, eu a chamar animais e tal. Então eu senti que foi como um chamado. “Vamos sobreviver e vamos sair da mata”. Pensava muito em minha família, minha mãe, né?

**Camila Moraes:** De novo, a culpa como motor.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu sentia que a pessoa que ia sofrer com a minha “perdida” ou minha morte era a minha mãe, né? Era como “desculpa por fazer isto”. A mãe é como essa a conexão com a vida. A selva, a floresta mesmo, é como uma mãe para os indígenas. O ventre. O ventre da vida.

**Camila Moraes:** Com essas duas mães em mente, o Mauricio inaugurou uma nova fase do naufrágio. A fase da aceitação. Eu sou um naufrago. É assim mesmo.

Então o Mauricio tentou inventar uma rotina. Descansar, procurar alimento, rezar. Até praticar ioga. E caminhar, caminhar.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Sim. Quando acordava, com um pouco mais energia, começava a caminhar. Eu acho que era muito cedo, talvez quatro ou três da manhã, que “empezaba” um pouco a luz. Depois eu já começava a ficar muito cansado. Tipo dois, três da tarde eu já pensava: onde eu vou tirar a rede?

**Camila Moraes:** Até que – talvez por obra desse centramento, dessa disciplina; talvez porque alguma entidade divina tenha finalmente ouvido os apelos dele – o Mauricio viu uma luz.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu lembro que eu acordei cedo, tava caminhando, olhei pra cima do céu e eu vi uma luz. E eu vi que a luz era muito clara, assim, como se “fora” desenhada no céu. E pum! Quando vi a luz estava

iluminando o caminho. Era um sendeiro, um caminho. Eu identifiquei perfeitamente. Eu senti como se foi para mim.

**Camila Moraes:** O que você pensava sobre isso tudo? “Eu estou ficando louco”. “Está acontecendo?”.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Não, sabe que não? Essa questão da cordura não... porque eu estava, que estava vivo. Porque, sabe, a selva é a vida intensa. Eu sentia os mosquitos, eu sentia a chuva... Ou seja, eu estava muito vivo, né?

**Camila Moraes:** Nessa fase, o Mauricio também teve sonhos muito intensos.

Num deles, ele tava no meio de um banquete e não sabia o que comer, mesmo morto de fome.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Comida de todas as partes do mundo. As comidas mais saborosas que você pode... Era como uma espécie de banquete muito elegante.

**Camila Moraes:** Aí na hora em que ele decidia o que pegar, a comida sumia.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Ia pela bebida e quando eu voltava, não encontrava outra vez nada.

**Camila Moraes:** Noutro sonho, aparecia um menino indígena. Um curumim, perdido na selva, assim como ele.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** O sonho era que o menino ele... Ele “peleó” com a família. E foi assim... “Regañado”? Como seria “regañar”?

**Camila Moraes:** Ele levou uma bronca da família.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Ele levou uma bronca da família e foi para a floresta. A gente se encontrou e depois eu comecei a ter a sensação que ele estava por aí, né?

**Camila Moraes:** Na companhia do menino, ainda que fosse o personagem de um sonho, o Mauricio ganhou um pique diferente pra seguir a rotina.

Ele continuava se alimentando de cogumelos brancos. Descansava na rede, rezava, meditava. E acordava pra caminhar.

Até que um dia... ele achou uma trilha. Um “sendero”, em espanhol.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Isso também foi muito, muito interessante, porque comecei a caminhar pelo sendeiro e chega o momento que, “bueno”,

ficava aí na noite e eu não sabia para onde ir. “Será para trás” e tal? Mas continuava ele e tal. E lembro que uma tarde depois eu fiquei na rede e tal. Estava cansado. E aí chegaram uns macacos muito perto. Aí os caras começaram a “tirar” umas simentas para mim.

**Camila Moraes:** Sementes. Ou coisas que pareciam sementes. Era como se os macacos estivessem tentando alimentar o Mauricio. Ou será que ele tava delirando?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Aí, bom... “Vou comer essa coisa, né?”. Eu tinha fome. Vou tentar, vai que eles estão dando comida pra mim e tal. Aí eu fui mais pra dentro, para dentro, olhando eles também, como julgando... Falando com eles e tal. Aí o engraçado, bom, o tema foi que eu perdi o caminho, eu não sabia onde estava.

**Camila Moraes:** Hoje em dia ele acha engraçado, mas na hora não parecia nada engraçado.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Então eu fiquei desesperado. Por um momento eu fiquei: “Caralho, como perder o caminho, as coisas?”. E assim eu olhei pra “arriba”. Eu tinha a sensação que o macaco estava assim... Uma “risa” contra mim. Não sei. “Cagado de risa”, não sei como seria.

**Camila Moraes:** O macaco tava morrendo de rir de você.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Isso, morrendo de rir. Assim, fazendo voluntariamente. Eles queriam que eu “perdiera” outra vez, sabe? Eu tive essa sensação. Eu desesperei muito, outra vez comecei a raiva, aí eu estava contra eles, contra a selva, contra tudo. Por um momento chorei outra vez. Cara, como eu ia perder o caminho?? É uma coisa inacreditável. Então eu fiquei assim. Já depois de “mi rabia” e de “sacar” tudo, eu fiquei tranquilo. Eu me sentei, respirei profundo e puf! Veio aí o caminho outra vez, a rede... Tipo sete metros, oito metros. Olhei e “está aí”. Então só pode ser muito engraçado. Então falei: “Assim a vida, né?”. Você acha que tentou lutar e encontrou o seu caminho, mas qualquer momento tem uma distração e aí você outra vez vai para o caos, para fora.

**Camila Moraes:** Já fazia três dias que o Maurício tava caminhando pela mesma trilha. E já fazia quase duas semanas que ele tava na selva. Nesse tempo, ele já tinha se perdido várias vezes, e se encontrado algumas vezes... Já tinha passado por picos de raiva e de desespero – mas também por momentos de esperança de que um dia ele fosse escapar daquele labirinto.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Aí eu comecei a caminhar decidido, muito concentrado, decidido. Por dentro eu falava: “Bom, vou continuar, encontrar, vou sair, vou sair”. E aí logrei. Quando cheguei, cheguei também como a um rio grande. Eu olhei para o rio, aí encontrei uma canoa, uma canoa pequena,

mas tinha uma melancia muito rica, grande, “sabrosa”. Eu fui para lá doido, feliz da vida. Eu não tinha nada àquela altura. Cansaço, tudo. Lá eu comia como menino, feliz da vida. Nem sequer eu pensei se tinha pessoa por aí, nada. Eu cheguei lá e comi isso. Aí, quando eu comi, eu fiquei: “Ufff”. Aí foi que eu pensei: “Caralho, aqui tem pessoas. aqui tem uma pessoa e até uma canoa”. Já estava um pouco mais aterrissado, né? Aí eu fui, dei uma volta, descansei um pouco e comecei a fazer uns gritos, assim como: “Oiiii, tem alguém por aí?” e tal. E aí eu escutei que alguém começou a responder também. Aí chegaram dois caras, dois meninos com uma canoa. Dois jovens indígenas. Aí eu fiquei feliz, não podia acreditar. Aí os caras tavam muito assustados.. “Que faz esse cara aí, doido?”. Doido, fraco e barbudo saindo do monte. “Quem é esse cara colombiano??”.

**Camila Moraes:** Esse cara colombiano era o Mauricio Alejandro. Nessa hora, o “cara” mais feliz do mundo. Que tinha acabado de devorar uma melancia que ele não sabia, mas era brasileira.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eles ficaram também muito com surpresa. Só que depois de eu falar eles me falaram “vai com nós”. Aí eu subi para a canoa com eles. E depois a gente chegou aí na comunidade e as mulheres e as crianças estavam no rio, tomando um banho. Aí eu soube que já... acabou.

**Camila Moraes:** Nesse momento, o Maurício soube que ia ficar tudo bem. Que ele ia viver.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** A verdade é que eu fiquei desmaiado. Fiquei sem força, desmaiado. Mas acho que era como um grande descanso. Aí eu lembro que eu despertei na rede. Em uma casa deles, do professor, da comunidade. E foi muito engraçado, porque eu lembro que despertei e à frente estava a cozinha.

**Camila Moraes:** Só que o Mauricio não contava com o menu daquela noite...

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Na cozinha tinha uma panela com o macaco.

**Camila Moraes:** O “macaco da discórdia”, o mesmo tipo de macaco que os antropólogos tinham matado desnecessariamente, o mesmo macaco que fez o Mauricio encarar a selva sozinho... tava lá, servido pro jantar.

**Camila Moraes:** Você não comeu macaco?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Depois. Depois eu comi assim, mas com muita, muita... Não, na verdade eu comi na noite, com a família e o cara. Falei: “Cara, a vida é muito engraçada, né?”. Mas eu comi, foi muito bom. Foi uma metáfora muito “hermosa” e engraçada. É a minha história.

**Camila Moraes:** Por sorte, o Maurício saiu inteiro desse naufrágio. Ele tava com vinte quilos a menos e picadas sem fim – mas, em geral, ele tava bem de saúde.

Naquela mesma noite, ele conseguiu pegar uma carona com um grupo que tava indo pra Leticia, na Colômbia, de onde ele tinha saído... e onde ele precisava chegar pra retomar a vida.

Voltar pra casa e contar pra todo mundo o que tinha acontecido. Ou não.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu acho que foi o melhor, na verdade. Eu não queria que ninguém “supiera” da história! Não queria que nada, nada... Não sei.

**Camila Moraes:** O Mauricio tinha sido resgatado daquele naufrágio, tinha saído daquela ilha deserta... mas ele ainda tava recluso. Em Leticia, ele encontrou um dos companheiros que tavam com ele no começo da viagem.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Ele sabia o que aconteceu, porque eu falei para ele que eu chegava muito mais rápido. Porque eu cheguei assim, super fraco, meio estranho. Então eu falei pra ele: “Não, cara. Estive na selva, na floresta, mas eu estou aqui. Eu quero descansar. Não quero que você fale com ninguém. E eu quero ficar aqui um, dois, três dias aqui. Por favor, você me ajuda aí?”. Mas foi engraçado, porque eu falei para ele: “Não quero que você conte pra ninguém nem nada. Precisava ficar quieto e tranquilo e comer. As primeiras noites foram um pouco estranhas, difíceis. Eu lembro que eu acordava muito na noite, não podia dormir muito e eu acordava assim como pensando que ainda estava lá.

**Camila Moraes:** Teve gente que reparou que o Mauricio tinha sumido. Mas ninguém tinha ideia de pra onde ele podia ter ido. Talvez ele tivesse em Bogotá, com a família. Talvez ele tivesse ido pra Buenos Aires, onde ele tinha que terminar o mestrado.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** E é um pouco estranho, porque o que te falei... eu pensava muito em todo o problema. Eu imaginava assim o Exército e a família lá, todos procurando-me e tal. Foram como 15 dias.

**Camila Moraes:** Quinze dias, e não tinha nenhuma operação de busca procurando ele.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Então, por isso eu falo que é como um sonho.

**Camila Moraes:** Será que foi tudo um sonho? Será que isso tinha acontecido mesmo? Depois eu fiquei sabendo que não é raro alguém se perder naquela região. Tem muitas “histórias de selva” que circulam em Leticia e em Tabatinga – a cidade vizinha que fica do lado de cá da fronteira.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Me falaram de um cara que perdeu 40 dias. Imagina se o cara saiu doido? Tem também, desafortunadamente, caras que se perdem. Não aparecem, né? Não aparece o corpo... Morrem, né? Eu falava que tem pessoas que vão lá morrer também. Que há pessoas que têm enfermidades e coisas assim. E também tem um significado cultural para os indígenas lá. Porque, como falava para você, a selva, a floresta, é tudo: o território, cultura, a mãe... é também o céu, o inferno dos indígenas.

**Camila Moraes:** E se você se perdesse de novo? Essa experiência de ter se perdido uma vez serviria? Ou cada vez que você se perde na selva é uma vez diferente?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Sim, é uma coisa que eu perguntei muito agora que eu fui outra vez para um lugar muito bonito, muito mais na selva. Mas eu fiquei com surpresa, porque na verdade eu estava muito tranquilo. Não estava como “uê, não, não vou mais pra selva...”. Não, eu nunca fiquei com um trauma..

**Camila Moraes:** Eu estou errada quando eu penso que eu morreria no segundo dia ou pode ser que sim?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Não sei. Eu acho que o instinto de sobrevivência é muito grande. Porque a vida... você sempre vai querer viver.

**Camila Moraes:** Nos dias em que o Maurício ficou perdido, a pessoa em que ele mais pensava era a mãe. Era a conexão dele com a vida, como ele disse. E, em grande parte, o medo que ele tinha de morrer era, na verdade, o medo de fazer ela sofrer.

**Camila Moraes:** E sua mãe? Quando ela ficou sabendo de tudo, qual foi a reação dela?

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** A verdade, eu não contei pra ela ainda.

**Camila Moraes:** Ah, meu Deus! Não, pera aí, para.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu não contei para minha mãe até hoje. Mas eu sei que ela sabe

**Camila Moraes:** Foi uma conversa que nunca aconteceu.

**Mauricio Alejandro Diaz Uribe:** Eu pensei: “Por que vou preocupar ela? Eu já estou aqui”. Ela sentiu. Porque eu realmente cheguei com energia muito baixa, fraco e tal, mas estava bem de saúde e não estava assim tampouco tão difícil. Eu acho que igualmente eu contei para minhas sobrinhas, minha irmã e acho que depois, sei lá, ela contou. Eu também sentia como certa vergonha. Porque

eu sabia que ela ia se por a chorar, que ia dar também uma bronca. Então pra que fazer isso? O importante é que eu estava aí. É uma história mais.

**Camila Moraes:** Que bom que o Mauricio contou pra mim. Pra mim nunca pareceu uma história a mais.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Camila Moraes, colaboradora do Rádio Novelo Apresenta.

A segunda história dessa semana começa com uma lenda.

E as lendas são histórias que tentam explicar por que o mundo é do jeito que ele é, né?

São histórias de origem que podem explicar o formato de uma montanha... ou por que um tipo de animal se comporta de uma determinada forma... ou por que o sol nasce pra lá e não pra cá.

Normalmente essas histórias têm uma semente de verdade, e um outro tanto de fabulação. E elas tendem a ter um protagonista muito ativo: o cara que inventou o fogo, a mulher que inaugurou as estações do ano, o sujeito que não soube conduzir a carruagem do Sol e acabou criando os desertos do planeta...

São uma tentativa de personificar fenômenos gigantescos. De fazer com que o andar da história faça algum sentido. Essas lendas surgiram ao longo da humanidade em tudo quanto é sociedade.

Mas, pra quem mora num centro urbano, no século XXI, as lendas ganham outros contornos.

E quem vai contar essa lenda pra gente é o Vitor Hugo Brandalise.

---

**Vitor Hugo Brandalise:** Lá pelo ano de 2008, eu era repórter de Cidades do Estadão, um colega contou uma história que não saiu mais da minha cabeça.

Era sobre a Avenida Paulista, esse símbolo de São Paulo. Ele me contou que, da noite pro dia, todos os casarões da Paulista tinham sido demolidos — e a mando dos seus próprios donos, pra evitar que eles fossem tombados. Tombados, sabe?, preservados porque eles têm um projeto bonito, representam um período histórico, têm alguma importância pra cidade, enfim.

Eu nem sou de São Paulo, eu sou catarinense, mas eu era um recém-chegado e, naquela época, eu me interessava por tudo o que me ajudasse a me sentir menos perdido por lá.

Então essas coisas de história, de patrimônio, do "como era antes"... eu tava sempre atrás dessas coisas.

Bom, aquele meu colega contava essa história da Paulista em detalhes: ele dizia que, de madrugada, numa única noite nos anos 70 ou 80, um batalhão de caminhões de demolição passou zunindo pela avenida e derrubou um a um aqueles casarões antigos, dos tempos do café — os últimos que ainda tavam por ali.

Pra quem nunca teve na Paulista, eu vou explicar rapidinho como é que ela é hoje: um corredor pra carros, com prédios altos dos dois lados, umas poucas áreas verdes. E pouquíssimas casas.

A ideia de que existe quase um "momento exato" em que isso aconteceu — a virada de uma avenida com casas pra uma via sem casas, e tudo isso praticamente numa única noite só, me impressionou muito. Mas eu acabei não indo atrás de mais detalhes — e eu me contentei com a versão do meu colega.

Até que, pouco tempo atrás, eu descobri um pedaço novo dessa história.

E quem me contou foi uma pessoa que tava lá na hora em que tudo aconteceu.

**João Carlos Martins:** Quando eu cheguei na Paulista, eu comecei a chorar, de emoção, vendo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Esse é o João Carlos Martins. Hoje ele é mais conhecido como o maestro João Carlos Martins. Às vezes ele mesmo se chama assim.

**João Carlos Martins:** esse velho maestro...

**Vitor Hugo Brandalise:** Na época, ele ainda não era maestro; mas já era pianista. E era secretário de cultura do Estado de São Paulo. Ele lembra daquele tempo de um jeito meio... bom, olha só como ele lembra:

**João Carlos Martins:** Eu não acho que jamais, hoje eu digo isso com toda a tranquilidade, um pianista deva ser secretário da Cultura.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele ficou só 10 meses como secretário, e nunca mais quis saber de serviço público. E o que aconteceu naquela noite na Paulista acabou influenciando essa decisão dele.

Foi um pouco diferente do que o meu colega tinha contado.

Na verdade, foi assim: saiu uma nota no jornal, avisando que aqueles casarões iam ser tombados. Na Paulista toda, naquele ano de 1982, eram 31 casas de pé.

Eram umas mansões que tinham sido construídas por aqueles senhores que lucraram tanto com a produção do café nos séculos 19 e começo do 20.

E essa coisa de preservar essas construções antigas e suntuosas, a memória daquele tempo, parecia uma coisa boa, né?

Só que, pros proprietários, soou como um alerta.

É que eles não tavam interessados em preservar aquelas casas.

Na verdade, vários deles preferiam vender. Vender por uma fortuna o terreno com casarão e tudo pra alguma construtora botar abaixo e fazer um prédio naquela área super valorizada da cidade.

Então, quando eles leram no jornal sobre o plano de preservar — ou de "congelar" as casas, como se dizia —, os proprietários ficaram meio apavorados. Ouriçados.

O João Carlos Martins também não gostou do que ele leu: é que o plano da secretaria de Cultura não devia ter vazado. A equipe dele ainda tava fazendo um estudo pra decidir exatamente o que deveria ser tombado, e o que não tinha valor urbanístico. O resultado ia sair dali a 10 dias.

Daí, com o vazamento, o secretário reuniu o time dele pra esclarecer:

**João Carlos Martins:** No meu encontro com o Aziz Ab'Saber, ele falou "João, o nosso interesse na Paulista, tudo que existia de bom na Paulista, já, nesses 50 anos, foram destruídos, já viraram prédios... Mas, deve ter, devem ter cerca de três ou quatro ou cinco casas que seriam do nosso interesse".

**Vitor Hugo Brandalise:** O Aziz Ab'Saber foi um geógrafo paulista e ficou conhecido por nomear os regimes morfoclimáticos brasileiros. Tipo, a Caatinga, sabe? Foi ele quem primeiro deu esse nome pro clima semiárido de parte do Nordeste. Mas o que importa pra gente aqui hoje é que, nessa época, o Aziz era conselheiro do órgão de patrimônio histórico paulista, e tava envolvido nessa história.

**João Carlos Martins:** "Com essas três casas, nós vamos conseguir pelo menos manter alguns símbolos da Avenida Paulista para lembrar a época do café".

**Vitor Hugo Brandalise:** Três, quatro, cinco casas. Só isso e já tava bom. Mas quais casas? Quais, das 31 casas, iam ser preservadas e quais iam ficar fora da lista?

Tinha gente que não tava querendo pagar pra ver. Aí, num domingo à noite, a coisa começou a esquentar.

**João Carlos Martins:** Eu morava na Granja Viana. Uma noite, às onze horas da noite, me telefonam, em casa, e me falam que estavam tratores na Avenida Paulista. Não sei quantas. Eu me lembro que eu saí correndo de lá.

**Vitor Hugo Brandalise:** Saiu correndo, entrou no carro oficial e, como todo secretário de cultura, ele... Ligou a sirene.

**João Carlos Martins:** O carro do secretário tem uma sirene que pode ser acionada. A nossa sirene era ligada direto.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ah, antes de entrar no carro, ele fez a segunda coisa que todo mundo sabe que tá no rol de tarefas de um secretário de cultura.

**João Carlos Martins:** Telefonei para o Romeu Tuma.

**Vitor Hugo Brandalise:** O diretor do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo, o DOPs...

**João Carlos Martins:** ...pedindo para que ele mandasse a polícia para a Avenida Paulista. E eu cheguei na Avenida Paulista. Quando eu cheguei na Paulista...

**Vitor Hugo Brandalise:** Os tratores já tavam arrebetando dois casarões. E um terceiro tava sendo desmontado com cuidado, peça por peça, pra revender.

**João Carlos Martins:** Eu comecei a chorar, de emoção, vendo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Verdade seja dita: das três casas que tavam ali sendo derrubadas, uma não tinha nenhum valor arquitetônico. Mas as outras duas tinham indicação pra serem preservadas.

No dia seguinte, de manhã cedo, o secretário reuniu a imprensa, e prometeu que aquilo não ia se repetir. A cidade podia já ter perdido três casas, mas não ia perder mais nenhuma.

Ele anunciou duas medidas: primeiro, que os 55 arquitetos do serviço público iam sair do gabinete, largar a régua e o compasso, e iam fazer plantão na Paulista – se vissem algum movimento suspeito de trator, iam chamar a polícia. Ou o Dops.

A outra medida era que, de noite, ele mesmo, o secretário, ia ficar de vigília. Circulando pela avenida. Com a sirene ligada.

E aqui começa a parte da história que não aparecia em nenhuma das versões que eu tinha ouvido lá atrás – o detalhe que me deixou ainda mais fissurado nesse caso.

Eu sou um cara meio ansioso, meio controlador.

Então eu tenho um pouco de pavor de cometer erros.

Não uns errinhos, que eu sei que todo mundo comete, é do jogo e tal.

O meu pânico é fazer alguma coisa que emperre tudo – tipo algum erro, no tempo em que eu era repórter de jornal, que fosse tão grotesco que travasse as rotativas, ou que a gente fosse obrigado a recolher a edição das bancas.

Isso nunca aconteceu, tá? Mas a sensação de poder provocar, de alguma forma, um desastre completo – de cometer um erro tão feio que fosse mudar tudo, eu trago até hoje comigo.

Às vezes eu ainda sinto. É tipo um engasgo, quase uma falta de ar, que dura um segundo. Uma culpa futura, uma pré-culpa daquilo que eu ainda não fiz, mas que pode ser que eu faça.

Bom, quando eu soube dessa parte nova da história, eu lembrei dessa sensação de culpa, desse medo de fazer alguma coisa que estrague tudo e que leve todo mundo a me odiar.

E eu me identifiquei com o João Carlos Martins, o pianista que tinha virado secretário... e que agora tava fazendo uma vigília no meio da noite na Paulista, de olho em algum trator que tivesse à espreita.

**João Carlos Martins:** Às onze horas da noite eu ia pra Avenida Paulista, correndo, indo de um lado para o outro. Mas você com 40 anos de idade, você... eu ainda jogava futebol nessa época.

**Vitor Hugo Brandalise:** Então ele tinha todo o pique pra atravessar a Paulista de ponta a ponta de novo e de novo, e com o olho vivo.

A primeira noite de vigília foi um sucesso. Nada aconteceu.

**João Carlos Martins:** tava tudo calmo...

**Vitor Hugo Brandalise:** Na manhã do dia seguinte, ele estufou o peito e disse pra imprensa que o "sonho" dele continuava de pé.

Faltavam só três dias pra sair o resultado do estudo – muito em breve a cidade ia saber quais as casas de sua avenida mais famosa iam ser preservadas. As casas e os terrenos enormes delas.

Na coletiva, o João Carlos Martins falou das pressões que ele tava sofrendo por querer preservar imóveis numa via como a Paulista – e desabafou que "podiam até chamar ele de louco", mas que ele não ia abandonar aquela ideia. Naquela mesma noite, ele ia voltar pra Paulista pra uma nova vigília.

Saiu nos jornais da época que as casas que a equipe do secretário queria preservar eram as que apresentavam "influências da arquitetura clássica, neoclássica, francesa, inglesa e árabe".

O tal "estilo eclético".

Quando eu vi as fotos dessas casas, eu fiquei com a impressão de que a avenida parecia uma daquelas "feiras mundiais" de 100 anos atrás, sabe? Em que cada país

constrói um estande, um “pavilhão nacional”, pra divulgar os seus feitos. Tinha pra tudo que era gosto.

Daí corta pra noite daquele dia. Quase madrugada. Por volta das 11 horas, o secretário voltou pra rua, começando mais uma vigília:

E nessa noite ele parou na frente de uma das casas que ele sabia que valia a pena preservar.

**João Carlos Martins:** É uma casa, como depois teve na Avenida Brasil também, que a colônia sírio-libanesa, é, também, construiu.

**Vitor Hugo Brandalise:** Era um casarão de três andares, que tinha a cara de um palacete árabe – seguia o estilo “neoislâmico”. Uma casa chamativa, toda rodeada de arcadas em forma de ferradura e, no alto do telhado, um mirante. Tipo um minarete, aquelas torres estreitas que tem no alto das mesquitas, sabe?

Se você for olhar uma foto, essa casa lembra um pouco a sede da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, aquela que parece um castelinho vermelho e que dá pra ver da Avenida Brasil.

Os jornais diziam que o teto da casa, na parte de dentro, era pintado a ouro, que os pilares e escadarias eram todos de mármore e que ela tinha vitrais coloridos e divisórias de cristal.

Por causa desse jeitão, ela ficou conhecida como a “Casa Mourisca”. Pra muita gente, ela era a mais bonita de todas as 31 casas da Paulista. Ela ficava no número 867, perto do prédio da TV Gazeta.

Antes da meia-noite, o secretário estacionou na frente dessa casa e ficou esperando.

Por sorte, de novo...

**João Carlos Martins:** tava tudo calmo...

**Vitor Hugo Brandalise:** Nada acontecia.

**João Carlos Martins:** Eu falei "Meu Deus..."

**Vitor Hugo Brandalise:** Tava tudo certo.

**João Carlos Martins:** ...hoje não tem nada.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tudo sob controle.

**João Carlos Martins:** ...não vi nenhum movimento. Eu vi que tinha polícias nas esquinas...

**Vitor Hugo Brandalise:** Dessa vez, o Romeu Tuma enviou até uma viatura pra frente da casa.

**João Carlos Martins:** Não muitos, mas tinham vários policiais...

**Vitor Hugo Brandalise:** Tinham uns holofotes ligados em cima do casarão, ele tava todo iluminado. O secretário tava fora do carro, circulando ali pela frente da casa... O tempo ia passando... Já era noite alta...

**João Carlos Martins:** Eu falei: já são três, quatro horas da madrugada, amanhã eu tenho que trabalhar às oito horas, a Granja Viana é longe, o trânsito é demorado...

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele tinha combinado com os PMs pra render ele quando ele desse um sinal. O secretário olhou pra um lado, pro outro, nenhum trator por ali... Ele ainda não tinha jantado. Então, por que não...

**João Carlos Martins:** Eu fui comer pizza lá no Bixiga pra celebrar. É verdade que eu fui comer uma pizza pra celebrar.

**Vitor Hugo Brandalise:** Umas fatias de pizza, no fim de um dia difícil. Quando já tá tudo certo, tudo apaziguado.

Só que, a 2 quilômetros dali, lá na Avenida Paulista... foi só o maestro sair com o carro dele em direção à pizzaria no Bixiga, que a viatura da polícia partiu também.

De repente, as luzes se apagaram, e o casarão ficou totalmente às escuras. Desguarnecido.

Minutos depois, as máquinas despontaram na Paulista: eram eles, os tratores. Duas retroscavadeiras, na verdade.

Lá na pizzaria, o secretário abocanhava um pedaço de pizza... (Ele não lembra do que que era a pizza que ele comeu naquela noite, mas hoje o sabor preferido dele é Margherita.)

As retroscavadeiras agora tavam paradas na frente do casarão. Com o motor ligado.

Eu não consigo não me colocar naquela cena, e ficar imaginando: o secretário satisfeito, indo celebrar o final feliz da vigília, tranquilo porque combinou com os PMs que eles iam ficar por ali...

Mas logo ali na esquina, esperando, quase dando tchauzinho com o braço mecânico... as retroescavadeiras.

No começo da madrugada, elas deram o primeiro golpe nas arcadas – que logo viraram buracos.

A ordem, aliás, era "demolir o máximo possível" – como disse um funcionário da empresa.

Acompanhando tudo ali na frente, dentro de um carro da época, um Corcel, tavam dois integrantes da família da Josefina Latif, a dona do casarão. Eles ficaram alguns minutos, só pra supervisionar.

Em pouco tempo, a casa tava toda esburacada.

O dono da demolidora também tava por ali: e disse que "recebeu o triplo" pra fazer a demolição de madrugada.

Só quem não tava mais ali eram os policiais... e o secretário...

Eu não consigo tirar essa ideia da cabeça, de que um descuido, uma falha de vigilância, uma pizza derrubou um casarão – e um casarão que seria o mais bonito da Paulista ainda por cima.

Eu já acordei no meio da noite e não dormi mais por muito menos.

Bom, mas – graças a Deus – essa história não é sobre mim, então eu perguntei pro secretário, pro maestro, como ele se sentia com isso.

Na época, ele tinha ficado revoltado...

**João Carlos Martins:** A revolta causou de ver que nem sempre os ideais alcançam os seus objetivos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pros jornalistas no dia seguinte, ele disse que tava “muito decepcionado” – e pareceu descontente com a atuação da polícia. Aliás, essa é uma pergunta que fica: por que que os policiais saíram da frente da casa, justo na hora em que não tinha mais ninguém ali? Quando eu perguntei, o João Carlos Martins concordou e disse que, sim, o apoio policial “poderia ter sido mais efetivo”. Mas ele não deu nenhuma mostra daquela revolta toda, nem de decepção. Parece... parece que ele não remói essa história. Eu tava tateando com ele, então eu tentei de novo:

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu contando agora retorna um pouco dessa sensação? O senhor qualificou aquela demolição como vandalismo...

**João Carlos Martins:** Neste evento, foi uma semana de derrotas e vitórias, perdi algumas batalhas, ganhei algumas guerras. Então eu diria que eu tive momentos de raiva e momentos de euforia. Isso faz parte do ser humano.

**Vitor Hugo Brandalise:** É, ele não fica remoendo mesmo.

**João Carlos Martins:** Fui pra casa, com uma sensação de missão cumprida. E foi no dia seguinte, eu vejo que a missão não tinha sido cumprida.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ok, uma "missão não cumprida".

Não é um grande trauma pra ele. Ele diz que fez o que pôde, não sente que tá carregando a culpa de nada.

Ele não quis mais saber do serviço público depois dessa experiência na secretaria de cultura, tá certo.

Mas não é que ele perdeu o sono por causa daquela noite na Paulista.

Na verdade, eu só achava que eu me identificava com ele, nessa história toda. Eu tava projetando.

Porque, se fosse comigo, eu não ia saber lidar com isso.

Acho que eu nunca mais ia conseguir pisar na avenida. Eu ia querer mudar de cidade, de país...

Apagar a memória, sei lá.

Pizza, então, nunca mais.

Bom, agora, pelo menos, eu tinha ouvido de alguém que acompanhou de perto aqueles dias o que realmente aconteceu com os casarões da Paulista.

Não é que foram derrubados, todos, numa só madrugada.

Mas aquela lenda tem um fundo de verdade, sim.

Lembra do estudo sobre os casarões, pra definir quais iam ser preservados? Esse estudo nunca terminou.

No dia em que ia sair o resultado, três dias depois da pizza e de todo o barulho na imprensa, o secretário anunciou que, na verdade, o que ele ia fazer era uma reforma em toda a lei do tombamento — uma mudança que fosse, abre aspas, “justa tanto pra comunidade, quanto pros proprietários dos imóveis”, fecha aspas, como ele disse pra Folha de S. Paulo.

E essa reforma até saiu... anos depois, a lei passou a permitir que os proprietários vendessem parte do terreno pra ser construído algum empreendimento moderno.

Foi o que aconteceu com a Casa das Rosas, um daqueles 31 casarões – e que hoje é um centro cultural dedicado à poesia e que tem um prédio de 20 andares nos fundos... construído usando essa lei.

Mas a maior parte daquelas casas não se beneficiou da nova legislação. O plano de tomar os casarões da Paulista foi abandonado, a cobertura na imprensa minguou e... um a um, eles foram sendo demolidos.

Não foi tudo numa noite, mas foi tudo caindo aos poucos.

Hoje, só sobraram quatro daquelas casas.

Já o João Carlos Martins... seis meses depois da corrida pela preservação e das vigílias, seis meses depois da pizza e daquela agitação toda... ele decidiu voltar pra música.

Essa era mesmo a área dele, e é onde ele entende que vai deixar um legado.

**João Carlos Martins:** Deixar um legado. E esse legado é na música.

**Vitor Hugo Brandalise:** E – nessa história de descuidos e de afobações, de culpa e erros, e de diferentes formas de reagir aos erros – ele falou de um que ele considera "enorme".

**João Carlos Martins:** Aliás, voltaram a me convidar há cerca de dois anos para algum tipo de cargo, eu falei olha, nem como secretário, nem como diretor, nem como nada.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Rádio Novelo.

Brigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Vem cá, e você já segue o Apresenta no seu aplicativo de podcast preferido? Isso é importante não só pro aplicativo te avisar quando tem episódio novo – mas também pro algoritmo recomendar o podcast pra mais gente.

E, nesse embalo de ajudar o Rádio Novelo Apresenta a crescer, aproveita pra recomendar nas suas redes – e pessoalmente também, pros amigos, pra família, enfim.

Fica o convite também pra assinar a nossa newsletter – que, apesar de a gente usar esse verbo "assinar", é de graça, tá? A newsletter é uma cartinha caprichada assinada pela Natália Silva, e tem sempre uma dica bem bolada de alguém da nossa equipe.

Além disso, se você quiser saber mais sobre os assuntos que a gente trata em cada episódio, no nosso site – [radionovelo.com.br](http://radionovelo.com.br) – sempre tem conteúdo extra.

Essa semana, tem fotos daqueles casarões e da saga toda que foi a vigília do secretário.

Agora: se você tem uma história pra mandar pra cá, é só escrever pro [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br), ou marcar a gente nas redes sociais, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Os episódios novos saem toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Gabriela Varella, a Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Gilberto Porcidonio.

A montagem é da Mariana Leão.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

Nesse episódio a gente utilizou música original de Kiko Dinucci e, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.